

humanitas



Vol. XXXV-XXXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XXXV-XXXVI



MCMLXXXIII-MCMLXXXIV
C O I M B R A

de Janeiro, Museu do Banco do Brasil, RJ, e Museu Histórico Nacional, este último contando com a valiosa colaboração da Prof.^a Dulce Ludolf e das Museólogas Maria Bernadette Gonçalves e Rejane da Silva Lobo.

Esta documentação, com duplicatas regularmente encaminhadas ao centro de Basiléia, constitui-se de um grande número de moedas gregas e romanas, cujas fichas estão sendo completadas e organizadas a cargo da Prof.^a Maria Beatriz Borba Florenzano, pesquisadora do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

HAIGANUCH SARIAN

RICHARD JANKO, Aristotle on Comedy — Towards a Reconstruction of Poetics II, London, Duckworth, 1984, VIII + 294 pp. e 4 extra-textos.

Anunciada há muito nos catálogos como *Comedy, Aristotle's Poetics 2*, esta arrojada obra — que se prevê desde já bastante polêmica — apresenta-se agora sob um título mais prudente, mas que, ainda assim, não esconde a finalidade que o seu autor se propõe, ou seja, a reconstrução do livro perdido da *Poética* de Aristóteles.

O texto, cuja autenticidade Janko defende, é o mesmo em torno do qual gira o romance de Umberto Eco, *O Nome da Rosa*, vindo a lume, por uma surpreendente coincidência, exactamente na mesma década.

Obra exaustiva, tanto em extensão como em profundidade, analisa até ao ínfimo pormenor questões de crítica textual e de teoria literária, como aliás indicia a completa e variada bibliografia que apresenta. Nota-se, a cada passo, a preocupação que o autor tem de nada negligenciar e de, através dum raciocínio de tipo matemático, buscar a verdade pela exclusão da falsidade, de acordo com o ensinamento de Conan Doyle, que inscreve no começo da obra, à guisa de lema: «Truth can only be found by the exclusion of untruth». Usando de extrema seriedade científica, apresenta a sua reconstrução do livro II da *Poética* como *hipotética* e reserva ao leitor o direito do último juízo, citando, no início, em sintonia com esta sua atitude, William of Baskerville («Books are not made to be believed, but to be subjected to enquiry») e parafraseando, no final, o epílogo retórico preconizado por Aristóteles: γέγραφα, ἀνεγνώκατε, ἔχετε, διαλέγετε!

Com esta obra, o autor pretendeu reabrir a questão do TRACTATUS COISLIANUS, numa altura em que considera que estão a ser abaladas as ideias tradicionais sobre a *Poética*, pois está convicto de que o estudo daquele texto pode lançar luz sobre pontos obscuros e controversos desta obra aristotélica, já que se encontra mais próximo do pensamento do Estagirita do que pode à primeira vista parecer.

Ao longo de toda a obra, procura rebater o juízo depreciativo que, a propósito do TRACTATUS, Jacob Bernays formulou, em 1853, num artigo do *Rheinisches*

Museum intitulado «Ergänzung zu Aristoteles' Poetik», onde considera que o referido manuscrito é, em parte, obra dum compilador ignorante.

Logo na Introdução, além de citar o parecer de Bernays, o autor refere-se exaustivamente às opiniões expendidas pelos vários especialistas que se debruçaram sobre este manuscrito da Biblioteca Nacional de Paris e levanta três questões fundamentais às quais irá tentar responder: será o TRACTATUS COISLINIANUS (a) uma compilação, (b) uma sinopse, (c) uma sinopse duma compilação? Formula também três importantes perguntas quanto à data: será um texto (a) puramente bizantino, (b) peripatético, ou (c) mistura de (a) e (b)?

E, assim, de pergunta em pergunta, vai encaminhando o leitor, por exclusão de partes, para o que pensa ser a verdade, concluindo que se trata da sinopse dum texto que só pode ser aristotélico: o perdido livro II da *Poética*.

Mas, antes de chegar a essa conclusão, apresenta, com a minúcia que lhe é peculiar, a descrição do TRACTATUS COISLINIANUS e conclui que provavelmente o arquétipo deste epítome data do séc. VI.

Para a fixação do texto, no que concerne à análise do risível e às partes da comédia, Janko serve-se ainda de outras fontes, terminando a Introdução com a apresentação do *stemma* desses manuscritos.

Na segunda parte da obra, estabelece, portanto, o texto arquétipo (Ω), servindo-se não só do TRACTATUS COISLINIANUS (C), mas também dos *Prolegomena* VI, XIb, Xd Koster (respectivamente *a, b, d*) e dos *Iambos* de Tzetzes (Tz). O texto é apresentado nas páginas pares, sendo reservadas as ímpares para a tradução. Com apreciável rigor científico é conservada a forma diagramática do manuscrito-epítome. Em rodapé, o aparato crítico.

Segue-se uma terceira parte em que são discutidas as origens e a autoria do arquétipo, sendo apresentadas seis hipóteses que são amplamente analisadas uma a uma ((a) resumo duma obra de Andronico de Rodes; (b) resumo duma obra de Teofrasto; (c) de autoria mista, contendo algo de Aristóteles; (d) resumo duma obra de Aristóteles; (e) de autoria mista, incluindo um escritor ou escritores peripatético(s); (f) falsificação de qualquer dos supracitados). Confrontando o texto em estudo com o vocabulário e as ideias próprias de cada um dos autores ou correntes filosóficas aventados nas referidas hipóteses, conclui que a fonte só pode ser aristotélica.

A quarta parte constitui o âmago da obra, onde, com grande originalidade, sem contudo postergar o rigor científico, o autor dá largas à sua imaginação criadora, fazendo uma reconstrução hipotética da *Poética II*.

Na quinta parte, Janko emite um juízo de valor sobre o *Tratado*, a que se seguem 16 páginas de densas notas, onde se revela um investigador zeloso e insaciável.

A segunda metade do livro é ocupada pela sexta parte que constitui um comentário extenso e circunstanciado do *Tratado*.

Aqui o autor procura demonstrar que as ideias são genuinamente aristotélicas, estabelecendo um confronto com outras obras do filósofo. O mesmo faz quanto ao vocabulário, cortando, nos casos mais controversos, o «nó górdio» de forma eficaz e engenhosa: a terminologia aristotélica, além de se servir umas vezes do sentido restrito outras do sentido lato de certos termos, não é fixa, mas extremamente fluida. Só é de lamentar que numa obra, tão acurada como esta, o autor por vezes pareça sofrer da pecha aristotélica, quando traduz inadequadamente τὸ γελοῖον

por «absurd», vocábulo que deveria evitar por não ser unívoco, embora em inglês, como é sabido, além de *absurdo*, seu sentido fundamental, possa significar também *ridículo* — no entanto, nem todo o ridículo é absurdo, como nem todo o absurdo é ridículo.

Esta estimulante obra de Janko interessa sobremaneira a quem se dedicar ao estudo de Aristófanes, uma vez que o texto-arquétipo apresenta muitos exemplos retirados de obras deste autor. Aliás, uma das provas mais convincentes de que o texto estudado nesta obra se situa na época de Aristóteles é o facto de nele não serem tomadas em consideração as peças de Menandro, já que a alusão à Comédia Nova (secção XVIII, p. 40) não se refere ao ilustre discípulo de Teofrasto, mas sim a uma tripartição da comédia anterior a 320 a.C. e segundo a qual Aristófanes é colocado na «Comédia de Transição», como brilhantemente demonstra Janko.

Muitos são e de peso os argumentos apresentados pelo autor com vista a destruir as teorias segundo as quais o referido manuscrito mais não seria do que uma contrafacção, embora, de onde em onde, possa ficar a pairar uma dúvida no nosso espírito, e haja questões que não obtêm resposta convincente — como é o caso da ausência de referência à parábase, o que é para estranhar num texto que vive dos exemplos aristofânicos.

Saliento, para finalizar, dois argumentos que me parecem mais importantes, dada a forma original como são utilizados, transformando antipodicamente em provas de autenticidade, razões que têm sido aduzidas a favor da contrafacção:

1 — O manuscrito estudado, embora apresente inúmeros pontos de contacto com *Poética I*, como se pode ver pelo cotejo da estrutura dos dois textos, tem a sua individualidade própria, não sendo obra dum falsificador, precisamente por não se tratar duma imitação servil;

2 — Não há uma repetição de assuntos de uma obra para a outra e por vezes até *Poética II* procura colmatar lacunas deixadas pelo livro I, chegando mesmo a tratar de assuntos concernentes à tragédia, embora seja uma obra que essencialmente se debruça sobre a comédia.

ANA PAULA QUINTELA FERREIRA SOTTOMAYOR

CARMINA ANACREONTEA edidit *M. L. West*. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig, B. G. Teubner Verlagsgesellschaft, 1984. XXVI + 66 pp.

Depois das edições, que fizeram época, de Th. Bergk (Leipzig, 41882) e de C. Preisendanz (Leipzig, 1912), impunha-se uma profunda revisão desse texto, aparentemente fácil, mas na verdade erigido de dificuldades.

Para essa tarefa, estava naturalmente indicado um helenista como M. L. West, dotado de grande experiência editorial, ele mesmo teorizador da crítica textual e suas aplicações, e de métrica grega.